

LITERATURAS AFRICANAS, ECOSSISTEMAS E RESISTÊNCIA

ANA MARTINHO

Universidade Nova de Lisboa

RESUMO: Neste ensaio apresentamos o conceito de Ecocrítica e consideramos as possibilidades da sua discussão a partir de textos literários africanos. Escolhemos autores como Paulina Chiziane, Dina Salústio, Ruy Duarte de Carvalho, entre outros, partindo de exemplos em que a descrição e, ou, interpretação do valor socio-cultural de ecossistemas estão presentes. A dimensão ambiental é visível nos alertas que estes autores sublinham ou nas formas que escolhem para enunciar a relação do mundo natural com a presença humana. São também importantes os relatos de natureza histórica, antropológica e filosófica, apresentando-se como arquivos complexos, documentos multidimensionais, que incorporam memória dos modos de uso e pensamento organizado sobre os lugares. Os autores acima referidos permitem-nos identificar alguns princípios de relação ativa com a realidade ambiental e enunciar respostas a fenómenos de degradação.

PALAVRAS-CHAVE: ecocrítica; literaturas africanas; ecossistemas; resistência; arquivos.

LITERATURES AFRICANES, ECOSISTEMES I RESISTÈNCIA

RESUM: En aquest assaig es presenta el concepte d'ecocrítica i se'n consideren les possibilitats de discussió a partir de textos literaris africans. Triem autors com ara Paulina Chiziane, Dina Salústio i Ruy Duarte de Carvalho, entre d'altres, i partim d'exemples en els quals estan presents la descripció o la interpretació del valor sociocultural d'ecosistemes. La dimensió ambiental és visible en les alertes que aquests autors destaquen o en les formes que trien per enunciar la relació del món natural amb la presència humana. Són també importants els relats de naturalesa històrica, antropològica i filosòfica, que es presenten com a arxius complexos i documents multidimensionals, els quals incorporen la memòria de les formes d'ús i del pensament organitzat sobre els llocs. Els autors referits ens permeten identificar alguns principis de relació activa amb la realitat ambiental i enunciar respostes a fenòmens de degradació.

PARAULES CLAU: ecocrítica; literatures africanes; ecosistemes; resistència; arxius.

AFRICAN LITERATURE, ECOSYSTEMS AND RESISTANCE

ABSTRACT: In this paper we present and discuss the concept of ecocriticism as well as different ways through which it can be read in chosen African literary texts. We have selected authors Paulina Chiziane, Dina Salústio, Ruy Duarte de Carvalho, among others, departing from narratives where the importance of ecosystems is apparent. The dimension of environmental preservation is visible in the alerts they highlight and in the forms that they choose to describe the relationships between the natural worlds and their human counterparts. We also consider historical, anthropological and philosophical descriptions in these texts; they are in fact presented as complex archives and multidimensional documents incorporating memories on space and territory. The authors present multiple possibilities for the identification of principles of active relation with current realities and signal responses to environmental degradation.

KEYWORDS: ecocriticism; African literatures; ecosystems; resistance; archives.

O escritor angolano Arlindo Barbeitos (1940-2021), na sua obra *Angola Angolê Angolema*, diz a dada altura acerca da sua escrita: «Meter-se por Angola adentro não é só meter-se pela paisagem, é meter-se pelos homens adentro, pelos homens que não vivem contra a natureza; por isso esta poesia é também um fazer a natureza falar» (Barbeitos 1976: 2). Este pode facilmente ser um tópico de partida, inspirador para a compreensão do que a literatura africana tem para acrescentar ao debate sobre *Ecoliteratura* e *Ecocrítica*. Também permite pensar sobre o papel da criação literária num quadro de resistência, guerra ou paz e na produção de novos significados sobre os lugares e respetivos ciclos de ocupação. Como muitos dos intelectuais da sua geração, Arlindo Barbeitos conheceu a guerra colonial, o exílio e a guerra civil, tendo feito sempre saber que a sua obra era devedora dessa experiência política e histórica, nunca deixando de olhar para as configurações das paisagens humanas e naturais nesse percurso. Essas memórias estão inscritas na sua poesia e nos seus contos.

Em contextos como Angola, em que os conflitos armados marcaram o país durante décadas sucessivas, é fácil compreender como a natureza sofreu transformações, por força de modelos de exploração e de circulação, inspirando muitas vezes aquilo que José Luís Mendonça (1955-),

também autor angolano, ao referir-se à obra *Nzaji* (Barbeitos 1979), chamou de «poesia da terra», «etnofigurativa», determinada por uma poética que acompanha mitologias representativas de sujeitos e paisagens.¹ «Não sabemos os nomes das nossas flores ou dos nossos pássaros», diz J. L. Mendonça no vídeo acima referido (Cavalcanti; Bembom 2014, minutos 14:15-14:40), em apontamento sobre o valor pedagógico da literatura, enumerando e evocando elementos naturais e seu potencial contributo para a edificação da relação dos homens com o conhecimento.

Textos e testemunhos como estes fazem parte de um património que reconstitui memórias ativas e herdadas, ao mesmo tempo que mimetiza formas originais de expressão. Por um lado, temos vastas parcelas do território nacional marcadas por despojos da guerra, desde resíduos de armamento a velhas minas antipessoais, que limitam o retorno seguro às lavras e às comunidades de origem; por outro, percebemos como a circulação de narrativas de ressonância ancestral continua a ocorrer, resgatando esses lugares das marcas da memória de guerra em gesto adaptativo e generativo.

Estas reflexões introdutórias servem-nos para ilustrar hipóteses de verificação de interseções entre literatura, história, cultura e ambiente, abrindo espaço para o debate sobre campos teóricos e críticos possíveis.

Se revisitarmos a arqueologia do termo *Ecocriticism* percebemos que se trata de uma área de estudo que evoluiu e continua a avançar até hoje por pressão de produções que sinalizam imperativos socioculturais (e políticos) novos, mais do que por aceitação inequívoca do seu lugar autónomo de validação metodológica.

Sendo verdade que a fixação do *Ecocriticism* se impôs timidamente só a partir de finais dos anos 1970, e usando a *Ecoliterature* como possibilidade quase ilimitada de análise, será ainda assim a década de 1960 a anunciar uma ligação definitiva entre sociedade, cultura e ambiente para efeitos de construção disciplinar.

¹ Veja-se a este propósito o documento sobre este poeta, produzido pelo governo de Angola e apresentado por Filipe Zau (Cavalcanti; Bembom 2014).

A publicação de *Silent Spring*, de Rachel Carson, em 1962, criou um movimento cooperativo, com o contributo de cientistas e da sociedade civil, de interpelação e responsabilização do mundo corporativo, ao promover a discussão sobre o impacto negativo de pesticidas sobre o ambiente. Branch e O'Grady (1994) fazem uma resenha muito útil acerca de diferentes contributos que esta obra inspirou e que se lhe seguiram temporalmente, mesmo se não em termos de conteúdos articulados ou de mobilização pública.

William Ruekert, no ensaio «Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism», de 1978, apresenta-nos uma boa hipótese de enquadramento da questão: «I am going to try to discover something about the ecology of literature, or try to develop an ecological poetics by applying ecological concepts to the reading, teaching, and writing about literature» (Ruekert 1978: 107). Por simples que pareça esta enunciação, a verdade é que determina uma complexa rede de hipóteses de leitura, em linha com o que nos havia proposto também Kroeber em 1974 a partir do poema de Wordsworth «Home at Grasmere», quando o destacou pela sua «ecological holiness». Considerado uma «orphan child» no conjunto da sua obra (Stelzig 2013: 743), é referido por Kroeber como «territorial sanctuary», pela sua definição singular dos lugares familiares.

The holiness of Grasmere Vale as a dwelling place consists in the possibility for ecological wholeness which it provides. The enclosure of the valley liberates the poet's psychic potency because there he is encouraged to be receptive to multiple dimensions of experience. Through such openness he is consciously able to reintegrate his being into the enduring rhythms of natural existence, thereby articulating his unique individuality (Kroeber 1974: 132).

A receção crítica a este poema de Wordsworth diz muito sobre a fixação da Ecocrítica, já que identifica em boa medida um dos momentos do acidentado processo que conduzirá à sua aceitação definitiva; a partir de um autor do cânone (e curiosamente de um texto não canónico)

propõe-se a legitimação do mundo natural como hipótese de institucionalização transgeracional e histórica de *topoi* suscetíveis de conversão epistemológica. Uma argumentação dificilmente generalizável.

É a partir em boa medida deste património que C. Glotfelty chamará a atenção para a necessidade de recuperar de forma sistemática oportunidades novas de leitura. Instituirá esta área como um campo disciplinar, entregando-se a uma construção de hipóteses metodológicas que fixaram o termo e com ele a respetiva validação crítica em finais dos anos 80.

De facto, a luta por uma afirmação institucional tem sido longa e não isenta de resistência à incorporação académica de trabalhos sobre o ambiente ou seu potencial de interpelação de outros campos de estudo. Glotfelty e Fromm assinalaram repetidamente o problema em *Eco-criticism - Reader*: «[...] Until very recently there has been no sign that the institution of literary studies has even been aware of the environmental crisis». (Glotfelty; Fromm 1996: xvi). Nesta obra, promoveram uma tentativa de organização epistemológica com formulações como «Ecotheory: Reflections on Nature and Culture», «Ecocritical Considerations of Fiction and Drama», ou «Critical Studies of Environmental Literature». Muito embora não seja sempre clara a distinção que propõem, a verdade é que, em muitos dos textos inseridos em cada uma destas secções, encontramos respostas parcelares para o problema.

Uma solução como a que propõe Stegner, citado nessa mesma obra, até certo ponto amplifica a ambiguidade disciplinar e metodológica da questão, por excesso de generalização e por ausência de instrumentos apropriados de resposta ao lugar da crítica.

Several years ago, when I was attempting to devise a branding system that would make sense of this mixed herd, Wallace Stegner—novelist, historian, and literary critic—offered some wise counsel, saying that if we were doing it he would be inclined to let the topic remain “large and loose and suggestive and open, simply literature and the environment and all the ways they interact and have interacted, without trying to codify and systematize [...]” (Glotfelty; Fromm 1996: xxii).

A proposta experimental de William Rueckert's no seu texto de 1978 «Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism» não teve aparentemente continuidade muito significativa até ao Encontro de 1989 da Western Literature Association. É nesta circunstância que Cheryl Glotfelty faz um ponto de situação sobre o processo, e as dificuldades de uma fixação consensual, promovendo a designação «the study of nature writing» (pode encontrar-se uma revisitação de parte das discussões suscitadas nessa reunião em Branch e O'Grady 1994).

O grande potencial de generalização destas adaptações conceptuais mantém as mesmas características de debates anteriores, como sugere Ralph W. Black no referido conjunto de *position papers* organizados por Branch e O'Grady, a propósito de William Cronon, que se autodefine como um historiador ambiental. De algum modo tudo o que faz parte da ação humana é na verdade resultado e efeito de negociações ecológicas e culturais e está aí uma nova disciplina para o dizer. E logo assume a dificuldade suscitada pela afirmação de Cronon: «[King]Lear is one of the last books I would put on an environmental literature reading list, but surely there is room enough, and reason, for exploring the relationship between the human and natural worlds in the play» (Branch; O'Grady 1994: 2).

Para Christopher Cokinos, o debate deve fazer-se do lado de uma ética e de uma pedagogia do texto e do mundo reais.

Ecocriticism necessarily entails a shift away from approaches that strictly privilege language and the difficulty of referentiality to approaches that re-emphasize the real work of words in a world of consequence, joy, and despair. Like feminism at its best, ecocriticism is fundamentally an ethical criticism and pedagogy (Branch; O'Grady 1994: 3).

Já Nancy Cook afirma a sua importância «regional», com base na ideia de uma identificação primária com modos de produção adaptados à ecologia dos lugares de referência localizada.

So in order to understand my region or any region, I need to develop an ecological view. Politics enters my classroom obliquely and again regionally, for I urge my students to take heed of Barry Lopez's warning: "the more superficial a society's knowledge of the real dimensions of the land it occupies, the more vulnerable the land is to exploitation, to manipulation for short-term gain" (Branch; O'Grady 1994: 3-4).

Olhando para a grande diversidade de perspectivas, definições e sugestões de conteúdo ou tópicos sobre a natureza e formas de escrita, compreendemos que na verdade nos mantemos num paradigma que aceita a ambiguidade de não existência de método que qualifique ou eleve a precisão teórica que todos parecem desejar a outro nível, supratemático, e que permita encontrar as regras de leitura mais eficazes e legítimas.

Levada ao extremo, esta perspectiva aponta para uma (in)validação teórica pela dispersão potencial de modos de organizar a leitura crítica, mas sobretudo interpela o campo de estudos quando ele sai do registro mais ou menos convencional da fixação de instrumentos localizados de leitura e de receção de autores e textos.

A tese que propomos é a de que são os próprios textos literários que permitem, pela leitura direta de modos de ação/reação sobre o ambiente, determinar as qualidades instrumentais de um campo em processo, como é o presente caso. Nomeadamente textos literários africanos.

**«TO SOME EXTENT, WE ASPIRE TO A METHOD
BUT REALLY HAVE A SUBJECT»²**

Velhas metodologias não servem a novas problemáticas ou aos seus textos. Pode dizer-se, no entanto, que desde sempre a literatura soube construir modelos de leitura e representação do mundo natural e os

² Crockett (Branch; O'Grady 1994: 4-5).

grandes clássicos não só não desmentem esta realidade como contribuem para a sua construção. O que não significa que habilitem a criação de métodos de replicação aceitável.

O que nos interessa considerar de momento é, no entanto, como se vem edificando, a partir de textos africanos contemporâneos, um processo de base ideológica, em que teoria(s) e métodos de análise sejam possíveis de alcançar, para lá da moldura móvel de contextos conjunturais da experiência.

Um autor que se enquadra perfeitamente nesta possibilidade de procura constante de um método de relação com as práticas e o lugar ocupado e transformado por sujeitos e objetos, transmutantes quase sempre, é o angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010).

As suas obras permitem olhar para esta matéria sob múltiplas perspetivas, dado que são registos de natureza ora etnográfica ora antropológica, ficcionais, poéticos, e sempre de interseção entre os muitos textos seus mais descritivos ou de natureza crítica e teórica. Deixou-nos inestimáveis contributos para a possibilidade de uma teoria dos modos de olhar a relação entre a natureza e o homem.

Partindo de uma colocação angolana, no Sudoeste, centra nos lugares tanto a descrição do observado quanto a evocação de quem por eles circulou no passado, sob lentes históricas macroscópicas e focos etnográficos detalhados. E nesse processo entram tanto a descrição do observado (figura central, de acolhimento e de comunicação com o antropólogo-escritor), quanto a evocação de quem passou pelos lugares da observação em tempos idos e dos legados que deixou, gravados pelo tempo e transportados num quadro de mobilidade determinado pelos diferentes e mutáveis sujeitos em circulação, entre humanos, animais e paisagens.

Continuador de métodos etnográficos de referência (veja-se a sua evocação recorrente do emblemático etnógrafo), estudioso do sul de Angola, C. Estermann (1896-1976), nomeadamente em *Vou lá Visitar Pastores* (1999), ampliou o escopo da observação participante ao problematizar a variação dos olhares registados e legitimados por meio de narrativas partilhadas em comunidade. Também importa compreender

como se naturalizam os modos de observar, em função da aprendizagem do fazer localizado. E a isso procura igualmente dar resposta.

Sendo que a sua observação se faz fundamentalmente em territórios de diversidade significativa, quase sempre na proximidade do deserto, como o Namibe, aquilo que percebemos é desde logo a complexidade dos fenómenos de resistência às adversidades da paisagem e também os modos de construir e aperfeiçoar sinergias com esses mesmos mundos. O seu trabalho de arquivo, espólio organizado com recurso a cotejo entre a obra publicada e os rascunhos, por Inês Ponte (Ponte 2019: 185-208), supõe olhar precisamente para o modo como a recolção de notas de terreno permite passar de uma dimensão arquivística não sistematizada para uma dimensão organizada que cumpre os requisitos de um questionamento do terreno e das suas conclusões possíveis a partir da multiplicidade das experiências do e no espaço. Cumpre aquilo que em outro texto referimos como a formulação da localização, da teoria a partir da experiência direta e da sua apreciação crítica endógena, aí já confirmada como método exploratório.

Em *As Paisagens Propícias* (2005) encontramos configurações de diferentes níveis de apropriação das imagens e das sensações e sinergias com o espaço, os animais e o lugar. Desde os insetos às pessoas, compreendemos que todo o dia do investigador é movido por um processo de investigação-ação, ação essa enquadrada sempre por meio da mediação do tradutor e do bloco de notas.

Partimos então no jipe, o Paulino e eu, a caminho de Opuho, na Namíbia, pela fronteira de Namaconde, Sta. Clara... Essa foi a primeira viagem... A que estou a fazer agora é a segunda. Vim de avião até Windhoek, aluguei um carro, cheguei a Outjo ao cair da tarde de ontem, vou aqui ficar uns dias, esta é a primeira manhã. Estou a escrever num desses famosos cadernos de capa preta, quer dizer, num caderno feito para durar, para caber tudo nele (Carvalho 2005: 11).

Todas estas paisagens, vazias para quem as atravessa e vazias na maior parte das expressões artísticas ou descritivas em que têm sido traduzidas, correspondem afinal a um espaço febril, animado, fervilhante de vida. Há insectos por aí a bolinar por toda a parte, até mesmo na mais mineral das

plantas quando já é mesmo quase o deserto total. As dobras deste espaço estão para além dos eixos que estas estradas são (Carvalho 2005: 131).

Não se fica por aqui. Por meio do vínculo a esta experiência, a mudança da paisagem humana, como refere também Inês Ponte, vai configurando uma etnoficção num «exercício de planeamento e deriva» (Ponte 2019: 185-208). *Vou lá visitar pastores* confirma esta hipótese. De seu subtítulo *exploração epistolar de um percurso angolano em território kuvale (1992-1997)*, apresenta uma estrutura que é toda construída em capítulos de localização expressa. Namibe, Bero, Kuroka, Giraul, entre tantos outros. Aqui, a par da descrição dos lugares impera o olhar sobre as pessoas que neles circulam e o critério é o da escuta. Sobre o entendimento da história, mas também dos modos de relação com o território, suas hipóteses narradas e adversativas sobre os modos de sobreviver. Em território marcado por uma escrita dos tempos da guerra, estes eram ainda os anos da guerra civil, que se prolongou até 2002.

Sociedades pastoris como as do Kuvale, e são muitas e com muitos pontos em comum as que prevalecem em África e é nesse universo que te estou a introduzir, atestam a evidência, pouco cómoda, desconfortável, de que mesmo ali à mão existem outros tempos, outras idades, que em si mesmo constituem uma afronta para a ordem que se pretende dominante e para a firmação do progresso, da adopção dos sinais do progresso. Por isso também, sociedades como essa são por todo o mundo estrategicamente ignoradas, olhadas de longe, apenas porque assim talvez se revelem mais inócuas enquanto aberrações, anacronismos, descuidos da história que a história se encarregará de resolver, integrando, na melhor das hipóteses e se não houver resistência, ou aniquilando, dominando, dissolvendo, igualizando e anulando, por fim (Carvalho 1999: 27).

Expostos a conflitos de ordem política, em face da história da ocupação das suas terras, os Kuvale apresentam formas de resistência que fazem parte de um movimento coletivo de recuperação memorial e sua adaptação permanente à mudança e às pressões externas.

O trabalho deste autor responde à ansiedade metodológica formulada por Black, anteriormente referido. Em Ruy Duarte de Carvalho as práticas de auto e hetero-representação, nomeadamente do povo Kuvale, detêm um valor de natureza patrimonial, cultural, e em permanente equilíbrio com os espaços e o mundo natural.

**«ECO-CRITICISM IS ALSO A RESPONSE TO NEEDS, PROBLEMS,
OR CRISES, DEPENDING ON ONE'S PERCEPTION OF URGENCY»³**

Nos textos de Paulina Chiziane (1955-), autora moçambicana, encontramos outras facetas desta questão. A sua obra olha, em primeira instância, para o papel das mulheres em sociedade, suas dificuldades no quotidiano, para poderem sobreviver e assegurar alimentação e educação aos filhos. A dureza de muitas das situações que vivem, o impacto dos conflitos e carências, chega primeiro às mulheres e é nas suas mãos que reside a missão de resgate da pobreza extrema na maioria dos casos. Ligadas a práticas ancestrais que estão muitas vezes também na origem de grandes dificuldades de afirmação individual e de escolhas, são, nos romances de Paulina Chiziane, marcadas por uma vida de resistência e algumas vezes de superação. Num registo de resposta à urgência, não exclusivamente existencial, mas também cultural.

A visão sexualizada da mulher, entendida prioritariamente como sujeito de reprodução e sujeito de contenção na sua colocação social, vem marcada pela necessidade de cumprimento de protocolos de obediência ao homem e às mulheres e homens mais velhos. Se respondem muitas vezes pelas dificuldades da família em termos materiais, é também verdade que são frequentemente vistas como responsáveis por aquilo que no mundo natural ocorre de negativo. Vivem com a percepção coletiva da sua secundarização, o que atinge de forma mais crítica as mulheres dos meios rurais e das franjas mais pobres da sociedade. Chizia-

³ Dean (Branch; O'Grady 1994: 5-6).

ne constrói nos seus textos diferentes modelos de denúncia destas situações e ensaia também oportunidades de resgate com uma colocação que tem sido considerada feminista, pelo modo como edifica uma estratégia de revisão do poder e de rejeição do que nos modelos sociais contemporâneos ou ancestrais age contra as mulheres e as oprime.

Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio. Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para o meu leito, hoje quero existir (Chiziane 2002: 20).

Falámos dos mitos que [...] culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza.

Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas que sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza (Chiziane 2002: 38).

Em entrevista a Doris Wieser (2014), reflete sobre as diferentes formas que assume a descolonização, um processo longo, como diz, e o respetivo impacto nas relações familiares e sociais e no estatuto das mulheres. A propósito da obra *O Alegre Canto da Perdiz* (1ª ed. 2008) refere:

Eu tinha uma vizinha que era mulata ou mestiça (eu não diferencio estes termos). E havia uma mulher que varria e cozinhava na casa dela. Eu pensei que fosse empregada doméstica. Vim a saber pouco depois que não era empregada, mas irmã. [...]

Há mitos extraordinários. Os mitos da região Sul, por exemplo, já quase desapareceram porque não houve recolha. Para mim, o importante é esta ousadia de provocar e, a partir dali, as pessoas vão perceber que é uma riqueza que precisa de ser explorada (*Buala*, 2014).

De forma desassombrada discute questões raciais, política, colonização e sociedade pós-colonial, sempre com o foco no que às mulheres cabe como lugar e responsabilidade neste processo. E o quanto as suas

existências, sobretudo das mulheres negras, são marcadas por interpretações do seu espaço na sociedade patriarcal ou nas práticas matriarcais.

De acordo com a nossa tradição bantu, uma mulher deve ser tratada pelo nome dos seus antepassados. Vieram os portugueses e disseram que isso era atrasado. E os assimilados absorveram este pensamento religioso como valor. Hoje as mulheres moçambicanas exigem direitos de coisas que já tinham e perderam por receber um sistema sem analisar em profundidade as coisas. Claro, tratando-se de uma situação colonial não tínhamos muita chance. Mas as culturas africanas têm muito a dar ainda para o desenvolvimento do mundo. Para mim que vivi entre as macuas, quando olho para as lutas feministas do mundo, eu digo-me: «Mas nós tínhamos isso». E os movimentos feministas, mesmo em Moçambique, quando lutam pelos direitos da mulher usam o modelo europeu, e não vão buscar experiências práticas provenientes da nossa própria cultura. Não diria que nós temos feminismo, mas temos uma tradição, várias tradições. Mesmo no patriarcado mais severo a mulher tem alguns direitos (Wieser 2014).

Esta autora ocupa um papel singular no quadro da literatura moçambicana ao ajudar-nos a percorrer a história do seu país através do olhar das mulheres, particularmente das menos favorecidas, e ao recuperar mensagens muitas vezes negadas no espaço público como expressão das crenças nas suas versões pré-coloniais, suas práticas específicas, valorizando modelos próprios de organização. Recupera tradições, pelo foco da história oral, e faz o cotejo dos modos como diferentes regiões sofreram o impacto profundo e radical dos conflitos. É a voz dos muitos lugares periféricos e de suas vozes esquecidas, testemunhas de perdas naturais e de modos de sobrevivência em contextos de perda dos ecossistemas e das aldeias. Desterritorializadas, muitas das famílias que descreve buscam resgatar aquilo que das suas culturas é suscetível de reconstituição; e nesse movimento são as mulheres que ocupam o lugar crítico da resposta à urgência de crises continuadas.

«SHOULD PLACE BECOME A NEW CRITICAL CATEGORY?»⁴

No seu mais recente romance, *Veromar*, Dina Salústio (1941-), autora de Cabo Verde, permite-nos discutir a questão do espaço como categoria crítica. Cabo Verde, a sua cultura, a sua literatura, são frequentemente identificados, pelo grande público e na academia, num quadro de excecionalismo nostálgico, em face da insularidade e do seu impacto sobre a emigração e as vastas comunidades da diáspora.

Ao desconstruir a ideia de que a nostalgia insular é um fator de validação cultural relevante, a autora inaugura um paradigma na literatura de Cabo Verde. A superação desta convenção faz-se neste romance por via da construção de comunidades de-centradas, personagens coletivas, em que o lugar é assumido como personagem autónoma.

Importa um novo olhar sobre a insularidade cabo-verdiana na medida em que permita enquadrar dinâmicas renovadas de desenvolvimento a nível nacional e regional, mas também no sentido em que abra perspectivas novas de formas de representação das comunidades emigradas, das retornadas e das que estão em permanente circulação, sem esquecer os descendentes entretanto naturalizados em outros contextos.

Quem são os atores e os sujeitos destes movimentos transnacionais? Como é que a diáspora é em si mesma a reivindicação do lugar como possibilidade de categorização da experiência? Que padrões mudam por força desse trânsito que enquadra modalidades ajustadas a um contexto concreto de transnacionalismo? A partir de Cabo Verde ele pode ser visto de acordo com ligações familiares, políticas, socioculturais, geográficas (em dimensão regional/insular ou internacional/continental).

Paul Jay discute em *Global Matters* (2010) o transnacionalismo literário como hipótese de um «wholesale remapping of the locations we study» (Jay 2010: 8). Para ele os processos de colonização e de descolo-

⁴ Glotfelty (Branch; O'Grady 1994: 6).

nização têm uma complexidade histórica que não se esgota nas questões factuais ou cronológicas, antes necessita a incorporação ativa de modelos literários transnacionais.

Literary transnationalism identifies that point at which two or more geocultural imaginaries intersect, connect, engage with, disrupt or conflict with each other in literary form [...] it involves a level of cognitive dissonance as the recipient interprets and processes the differences and similarities of nation and other or of us and them (Jay 2020: 14).

Esta ideia de dissonância é observável ao longo dos 60 micro-capítulos de *Veromar*, nomeadamente pela expressão de diferentes modos de viver, de conviver e de situar o papel das mulheres. A dimensão da infância e do espaço privado, suas formas de frequente violência sexual, revelam os modos de representar ora o silêncio ora a resistência feminina à construção dos lugares familiares como espaços de ocupação e determinação patriarcal.

Na complexa rede de personagens e perspetivas, sobressaem os ditames convencionais, mas também a sua denúncia preparada em silêncio. «Um homem dá proteção e respeito — repetia as palavras da avó. — Do resto trato eu» (Salústio 2019: 27).

O que será uma cidade de sonho? Que alegrias esconderá? Quantos pesadelos se pode encontrar nos vários nomes que a identificam? Que crimes, que tragédias, que poesia, quantas ameaças ou amores ela esconderá? Quantos segredos guardará? Significará o sonho o mesmo para todos, ou as subtilezas chegam a atingir o oposto? (Salústio 2019: 35).

Abrindo o véu sobre os segredos da ilha, cidade, país, que é *Vero-mar*, a autora edifica uma complexa rede de questionamentos a partir de uma realidade fraturante e silenciada, em termos sociais e culturais, mas também as bases para um debate crítico acerca do papel possível da insularidade na revisão de modelos contemporâneos de debate sobre as experiências da mobilidade e da permanência.

«ONE FOOT IN LITERATURE AND THE OTHER ON LAND»⁵

Reservemos uma nota final neste ensaio para o lugar da Oratura e dos contos e poemas recolhidos nas línguas de origem, depois traduzidos para português, ou fixados como património declinável de formas várias. Estes textos aproximam-nos diretamente das suas fontes de transmissão e sempre cumprem um roteiro de descrição e análise da relação entre os homens e a natureza. São, de algum modo, a aproximação mais fácil no respeitante às qualidades que a Ecocrítica procura identificar. Neles estão presentes considerações de natureza ética, pedagógica, comunicativa, nascendo quase sempre de uma fonte coletiva e a ela retornando.

Muito do que procuramos destacar, ao fazermos o cotejo da oportunidade metodológica e disciplinar da literatura que traduz preocupações ambientais, está há muito aí enunciado, nos complexos mundos da ligação ao exercício de cidadania e de respeito pela terra, processo em que são todos chamados a participar, seja pelo lado da produção, da circulação reverencial ou da resistência às invasões e à violência. Legado dos antepassados, torna-se lugar de escuta e terreiro de ação futura para os mais jovens.

Escolhemos nesta circunstância a antologia *Viximo II - Prosa, Contos de oratura Luvale* (em luvale e português), organizada por José Samwila Kakueji, a partir de relatos de diversos informantes do sudeste de Angola; fixamo-nos no conto LINOKA NA MUTHU (A COBRA E O HOMEM), narrado em luvale por T. Kayombo, camponês, no Moxico, em 1983 (Kakueji 1989: 41-44), durante a guerra civil.

Grassava fome por toda a região. Os habitantes viviam da recollecção como único meio de sobrevivência.

Certo homem ia por um bosque em demanda de frutos quando viu uma enorme serpente enrolada ao tronco duma descomunal árvore, de baixo a cima, em cujo topo, junto da cauda, um monte de ovos aguardava

⁵ Glotfelty (Branch; O'Grady 1994: 6).

os famintos. O homem ficou perplexo. Ao ver a atrapalhação dele, a cobra disse:

— Por que não sobes para colheres os ovos lá do alto? [...]

— Sobes e desces pelos meus enlaçamentos, contanto que, depois, não faças que movam guerra contra mim, ouviste? — falou a cobra (Kakueji 1989: 43).

O final do texto mostrará a quebra do pacto inicial por parte do homem, anunciando o início de um conflito que trará fome e morte.

Estes contos expõem diferentes formas de enunciação dos equilíbrios com e no mundo natural, alertando para os riscos das transgressões, mas também para a dimensão simbólica de valores e causas. Como ocorre em grande parte dos textos ecoliterários, independentemente dos seus modelos genológicos ou das circunstâncias da sua produção e receção.

Ao longo do presente texto procurámos rever alguma da informação que enquadra, em termos teóricos e disciplinares, a Ecocrítica. Tarefa seguramente difícil, em face da grande diversidade de contributos que podemos identificar, mas necessária para a organização dos pontos de vista a assumir na leitura de textos literários selecionados. Escolhemos refletir sobre a premência da definição metodológica, a resposta à percepção da urgência, a categorização crítica e patrimonial dos lugares.

Assumimos como conclusão provisória que se trata de um campo de estudo em aberto e que, no quadro da produção literária em África, pode assumir especial destaque, nomeadamente pela naturalização de métodos de leitura crítica, ajustáveis a múltiplos arquivos imateriais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEITOS, Arlindo (1976). *Angola, Angolê, Angolema: poemas*. Lisboa: Sá da Costa.
- BARBEITOS, Arlindo ([1979] 1994). *Nzaji*. Lisboa: Sá da Costa.
- BRANCH, Michael P.; O'GRADY, Sean (1994). *Defining Ecocritical Theory and Practice: Sixteen Position Papers from the 1994 Western Literature Association*.

- tion Meeting*. Salt Lake City, Utah-6 October [em linha] [11 dezembro 2021]. <ASLE_Primer_DefiningEcocrit.pdf>
- CARVALHO, Ruy Duarte (1999). *Vou lá visitar pastores*. Lisboa: Cotovia.
- CARVALHO, Ruy Duarte (2005). *As paisagens propícias*. Lisboa: Cotovia.
- CHIZIANE, Paulina (2002). *Niketche*. Lisboa: Caminho.
- CHIZIANE, Paulina (2017). *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho.
- GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold (ed.) (1996). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens: University of Georgia Press.
- CAVALCANTI, Ademir; BEMBOM, Maria Sílvia (2014). «Arlindo Barbeitos. Leituras. Histórias da literatura angolana». [Em linha] [09 dezembro 2021]. <<https://www.youtube.com/watch?v=22cQVRoWbPU>>
- JAY, Paul (2010). *Global Matters - The Transnational Turn in Literary Studies*. Ithaca: Cornell University Press.
- KAKUEJI, J. S. (1989). *Viximo II - Prosa*. [Lisboa]: UEA.
- KROEBER, Karl (1974). «“Home at Grasmere”: Ecological Holiness». *PMLA*, 89-1, 132-141.
- PONTE, Inês (2016). *RDC virtual: Catalogue of film digital archive* [em linha] [11 dezembro 2021]. <OSF | RDC Virtual: film archive and catalogue>
- PONTE, Inês (2019). «Conhecer e animar o arquivo de RDC: processos e resultados a partir de uma inventariação». M. Lança (ed.). *Diálogos com Ruy Duarte de Carvalho*. Lisboa: BUALA-Associação Cultural/Centro de Estudos Comparatistas (Faculdade de Letras - UL), 185-208.
- RUEKERT, William (1978) «Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism». *Iowa Review* 9.1, 71-86.
- SALÚSTIO, Dina. (2019). *Veromar*. Lisboa: Rosa de Porcelana.
- STELZIG, E. (2013). «Narrative Identity in Wordsworth’s “Home at Grasmere”». *Studies in English Literature, 1500-1900*, 53, 743-762.
- WIESER, Doris (2014). «Os anjos de Deus são brancos até hoje, entrevista a Paulina Chiziane». *Buala*, 26 de novembro. [Em linha] [09 de dezembro 2021]. <<https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/os-anjos-de-deus-sao-brancos-ate-hoje-entrevista-a-paulina-chiziane>>



Copyright © 2022. This document is under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.